



**Monteiro Lobato e os Estados Unidos:
espectador, leitor, tradutor**

Milena Ribeiro Martins



resumo

Este texto apresenta e analisa aspectos da cultura norte-americana representados em textos críticos, ficcionais e pessoais de Monteiro Lobato. O escritor paulista discute o cinema, suas narrativas e ideologia; traduz e incorpora à sua obra temas da cultura escrita; participa da ampliação da circulação de livros norte-americanos no Brasil; e tece comentários do ponto de vista de quem viu e viveu a América do final dos anos 1920.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; América; tradução; intertextualidade.

abstract

This text presents and analyzes aspects of the North American culture represented in some of Monteiro Lobato's critical, fictional and personal texts. The Brazilian writer discusses narratives and ideology of movies; translates and incorporates into his work some themes of written culture; helps to increase the circulation of North American books in Brazil; and also writes comments from the point of view of someone who experienced the America of the late 1920s.

Keywords: Monteiro Lobato; America; translation; intertextuality.

Há cerca de um século, quando se planejava o centenário da Independência do Brasil, Monteiro Lobato (1882-1948), festejado autor do *best seller* *Urupês* (1918), começava a se aventurar também na literatura infantil, ao mesmo tempo em que consolidava, com passos ousados, seu empreendimento editorial. Como editor, Lobato participava de forma ímpar da renovação do nosso ainda tímido mercado editorial, dando materialidade gráfica à produção de uma variedade de escritores, sobretudo nacionais, muitos dos quais até então inéditos. Ao mesmo tempo, o jornalismo, as artes plásticas e a saúde pública também estiveram no centro dos interesses desse profissional das letras.

Sua imagem entrou para a história de forma bastante associada a alguns aspectos de sua produção – sua literatura infantil, o universo rural de seus contos, a querela com os modernistas. Isso se deve, dentre outros fatores, à força estética de sua produção literária e à importância dos seus temas na sociedade brasileira desde então. Mas outros assuntos de que o escritor também tratou, e que acabaram ficando à sombra dos já citados, merecem ser relidos e reavaliados, com as inevitáveis lentes do distanciamento temporal.

Numa época “apressada, automobilística, aviatória [e] cinematográfica” (Lobato, 1948a, p. 223), Lobato mostrava-se atento ao poder do cinema para a ciência, a indústria e a sociedade. Interes-

sado no desenvolvimento e no alcance dessa tecnologia, o escritor faz pensar nas consequências da imagem em movimento para a produção cultural escrita, como também nas transformações que o cinema norte-americano provocava, desde cedo, nos seus espectadores brasileiros, imiscuindo-se no imaginário afetivo e sexual dos jovens e adultos, tanto quanto nas brincadeiras das crianças:

“As *girls* americanas, ricas de beleza e saúde, senhoras duma arte pessoal que não revê o molde do conservatório francês – acrobatas, nadadoras insígnies, dançarinas, mestras na arte de dominar, cavalgar, amansar espadaúdos representantes do sexo forte, empolgam em absoluto a nossa gente masculina. Em casa, vindos da fita, diante das esposas empalamadas, todas nervos e medo às baratas, eles sonham outra vida mais forte, mais bela, perfumada de lindas mulheres, num país de devaneio onde tudo corra na maciota cinematográfica. As meninas, românticas ou realistas, essas viraram místicas, dum misticismo novo. Como as outrora esposas de Jesus, todas hoje, mais ou menos, esposaram os George Walsh, os Wallace Reid, os William Farnum, essa plêiade de suculentos heróis modernos, magnificamente belos, esplendidamente fortes. E suspiram de decepção piedosa quando, fora da tela, os Chiquinhos, Lulus

MILENA RIBEIRO MARTINS é professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Paraná.

e Pedrocas cor de cuia, sem peito, sem ombros, sem músculos, sem masculinidade, aproximam-se para uma corte de namoro. [...]

Até as crianças se fanatizam pelo *shadowland*. Os cinemas do interior reservam-lhes os bancos da frente, com entradas a 200 réis, e elas ali deliram, torcendo como no futebol em favor do herói do dia e aplaudindo-o com delírio no momento da vitória. Tom Mix, William Hart, Eddie Polo, Antonio Moreno e outros maravilhosos *cowboys* povoam hoje os cérebros infantis, impregnando-os fortemente num ideal novo.

Porque o cinema americano renova, ressurgem a cavalaria andante, dá-lhe as formas atuais, lógicas e modernas, conservando-lhe, porém, o espírito” (Lobato, 1948b, pp. 20-1).

A penetração do cinema mudo contrastava com as dificuldades enfrentadas pela indústria do livro no país, fosse pelos preços de produção do livro, fosse pelas elevadas taxas de analfabetismo. Enquanto o público potencial de leitores era reduzido a 20% ou 30% da população (a depender do estado), o cinema alcançava também os analfabetos e os imigrantes¹. Embora atento ao alcance dessa tecnologia e estimulado por suas potencialidades², Lobato não deixou de notar que a mudança da linguagem narrativa ainda não trazia consigo uma transformação significativa no “espírito” dessa nova modalidade de produção cultural. Nesse ícone da modernidade que era o cinema, Lobato apontava então a permanência de estruturas e valores tradicionais, encontrando raízes na cultura e nos valores medievais, como também nos renascentistas e românticos. O aspecto realmente novo identificado por ele residia no alcance dessa arte:

1 O conto “O Fisco” (Lobato, 1948a, pp. 52-66) faz uma crônica do processo de adaptação de famílias de imigrantes italianos em bairros então periféricos de São Paulo, destacando o contraste entre a pobreza e a falta de infraestrutura do Brás e a modernidade da Pauliceia. A diversão dessas famílias é garantida especialmente pelas comédias norte-americanas.

2 Com humor, ironia e boa dose de liberdade, o conto “Marabá” (Lobato, 1948a, pp. 217-34) apresenta os efeitos da linguagem cinematográfica sobre leitores, espectadores e escritores, renunciando e potencializando transformações narrativas que estavam em ebulição na década de 1920 e cujos desdobramentos podem ser percebidos na produção literária desde então.

até mesmo Jeca Tatu poderia aprender com ela, sugere o escritor, aludindo com entusiasmo ao público do cinema e à ideologia de suas narrativas:

“A última fita de William Hart dá a impressão dum capítulo da ‘História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França’, posto em linguagem e ambiente modernos. [...] É pura cavalaria andante. É idealismo industrial dos melhores quilates. Ensina a generosidade, a defesa do inocente, o castigo do mau e a força invencível da boa causa. [...] E está influenciando poderosamente a elaboração da mentalidade do nosso povo, o qual encontra afinal uma escola. Jeca Tatu nela aprenderá a perdoar com generosidade o erro dos fracos e a punir com dureza o erro dos fortes. E aprenderá ainda a mover-se, a correr, a nadar, a ser homem com H maiúsculo em todas as situações da vida.

O Brasil de amanhã não se elabora, pois, aqui. Vem em películas de Los Angeles, enlatado como goiabada. E a dominação *yankee* vai se operando de maneira agradável, sem que o assimilado o perceba” (Lobato, 1948b, pp. 21-3).

Não deve passar despercebido o tom menos eufórico com que é feita a constatação final: o potencial de massificação dessa produção cultural traz, com o entretenimento, a possibilidade de aculturação e de dominação. O poder de sedução do cinema não perturba a visão crítica do escritor, aqui convertido em observador de um fenômeno cultural da maior importância para o século XX.

2

O artigo “A Lua Córnea”, publicado pela primeira vez em 1920, está diretamente vinculado a um conjunto de aspectos centrais na obra e na atuação profissional de Monteiro Lobato, dentre os quais se destacam: de um lado, a reflexão sobre os efeitos dos processos de modernização social sobre grupos pobres ou minoritários e, de outro, o esforço programático de estabelecimento de vínculos culturais entre a produção nacional e outras, especialmente pan-americanas.

Como editor, ao longo da década de 1920, Lobato investiu no estabelecimento de vínculos com a literatura hispano-americana; e ao mesmo tem-

po, atravessando também os anos 1930, investiu na tradução de títulos da literatura norte-americana, além de fazer dos Estados Unidos o tema e a ambientação de algumas de suas produções ficcionais³. Por meio desse duplo investimento, Lobato participou ativamente de um processo maior de independência cultural do país especialmente com relação a Portugal e França. A palavra “independência”, aqui, não pretende sugerir rompimento de laços, mas construção de uma maior autonomia material e intelectual com relação a esses países, por meio, por exemplo, da criação de condições infraestruturais para a edição de livros no Brasil, por meio da reavaliação das relações culturais entre o Brasil e sua ex-metrópole, e por meio da descoberta ou da construção de laços de identidade com outros países do continente americano. Dentre eles, os Estados Unidos⁴.

Parece importante lembrar que o crítico José Veríssimo (1902) informou que, no final do século XIX, os intelectuais brasileiros desconheciam a literatura norte-americana. Talvez essa seja mais uma impressão do que uma constatação. Ainda assim, se o desconhecimento não era absoluto, ele era digno de destaque. Brito Broca, citando Veríssimo, informa a respeito da falta de traduções de obras literárias norte-americanas no Brasil dos anos 1930:

“Até 1938, nem mesmo os ianques mereciam a atenção dos editores brasileiros. Poucos haviam sido traduzidos, sem falar na literatura folhetinesca e policial. Lembramos as novelas de Mark Twain, que, incluídas numa coleção juvenil, juntamente com o formidável *Moby Dick*, de Melville, passaram quase despercebidas pelos intelectuais” (Broca, 1998, pp. 71-2).

Essas percepções e informações são importantes para contextualizar e dar sentido às traduções de obras norte-americanas feitas por Lobato ao longo das décadas de 1930 e 1940, dentre as quais se incluem as obras mencionadas por Brito

Broca e outras narrativas de aventura e policiais, gêneros usualmente menosprezados pela crítica. Da extensa lista, destacamos: *Caninos Brancos* (1933), *O Lobo do Mar* (1934), *O Grito da Selva* (1935) e *A Filha da Neve* (1947), de Jack London; *Aventuras de Huck* (1934), de Mark Twain; *Pollyanna* (1934), de Eleanor Porter; *O Homem Invisível* (1934) e *A Ilha das Almas Selvagens* (1935), de H. G. Wells; *Moby Dick* (1935), de Herman Melville; *Tarzan* (1935), de Edgar Rice Burroughs; *Scarface: O Tzar dos Gangsters* (1935), de Armitage Trail; *Por Quem os Sinos Dobram* (1942) e *Adeus às Armas* (1942), de Ernest Hemingway; *Diamante Negro, História de um Cavalo (s/d)*, de Anna Sewell, dentre outros (cf. Lajolo, s/d; Bottmann, 2011). Lobato também traduziu outros importantes autores de língua inglesa, não norte-americanos, dentre os quais se destacam: Conan Doyle, Lewis Carroll e Rudyard Kipling. Alguns dos nomes que constam dessa lista nunca tinham sido traduzidos para a língua portuguesa. Cabe a Lobato, portanto, não apenas o mérito de tê-los traduzido, mas também de lhes ter franqueado o ingresso no mundo lusófono.

Além dessas, outras obras da literatura norte-americana foram incorporadas à de Lobato, por meio de citações, menções ou comentários críticos dignos de destaque. Um deles refere-se a Walt Whitman, que, num conto de 1920, é alçado à condição de símbolo, tomado metaforicamente como poeta social, engajado, atento ao mundo em que vive e aos seus contemporâneos. O conto em questão é “As Fitas da Vida”, que se abre com o narrador contemplando, em êxtase, a Hospedaria dos Imigrantes, espaço de sonhos e promessas, caldeirão de elementos étnicos que se diluiriam na sociedade brasileira, transformando-a. Diante das potencialidades percebidas naquele lugar, o narrador incita eventuais poetas nacionais – comparáveis a Whitman – a produzirem um canto de louvor à população de imigrantes, aos seus sonhos e privações, ao seu heroísmo:

“Onde pairam os nossos Walt Whitmans, que não veem esses aspectos do país e os não põem em cantos? Que crônica, que poema não daria aquela casa da Esperança e do Sonho! Por ela passaram milhares de criaturas humanas, de todos os países e de todas as raças, miseráveis, sujas, com o

3 Não coube nos limites deste texto tratar do romance *O Presidente Negro*, parcialmente ambientado nos Estados Unidos do ano de 2228. Remeto à excelente análise feita por Carlos Minchillo (2014).

4 Para conhecer outros aspectos e pessoas que participaram dessas relações, cf. Lajolo, 2010.

estigma das privações impresso nas faces – mas re floridas de esperança ao calor do grande sonho da América. No fundo, heróis, porque só os heróis esperam e sonham” (Lobato, 1948a, p. 13).

O comentário inserido no texto ficcional faz ecoar o poema “I Hear America Singing”, de *Leaves of Grass*, espécie de ode ao trabalho de uma variedade de atores sociais (mecânicos, marceneiros, sapateiros e outros, inclusive mulheres em suas rotinas domésticas) que, enquanto trabalham, entoam cada qual o seu canto. A soma de suas vozes constrói o país; cabe ao eu lírico registrar os cantos individuais e costurá-los, construindo uma ideia de coletividade, de nação.

É de Câmara Cascudo a tradução a seguir:

“EU OUÇO A AMÉRICA CANTAR!

Eu ouço a América cantar! Ouço os variados
[cantos,
Os dos mecânicos, cada um cantando como se
[fosse jovial e forte!
O carpinteiro cantando e medindo vigas e
[pranchas!
O marceneiro começando ou findando sua tarefa,
[e cantando.
O barqueiro cantando o que lhe pertence no barco,
[o estivador cantando
Na coberta das barcas!...
O sapateiro cantando, sentado no seu banco, e o
[chapeleiro, cantando de pé.
A cantiga do lenhador, a do lavrador no seu
[caminho matinal!
Na pausa do meio-dia ou ao entardecer...
A deliciosa canção das mães, ou das moças
[trabalhando, os das meninas,
Costurando ou lavando...
Cada um cantando o que é seu, o que é alheio ou
[de ninguém!
O dia pertence ao dia – À noite a reunião dos
[jovens companheiros,
Fortes, afetuosamente.
Cantando a plenos pulmões sua ardente canção
[melodiosa!”
(Whitman apud Alves, 2015, p. 43).

Os poemas traduzidos de Whitman só seriam editados no Brasil em meados dos anos 1940 (Paro,

1993; Alves, 2015). Antes disso, em 1926, alguns deles foram traduzidos e publicados na revista *Festa*, e foram mencionados aqui e ali por escritores e críticos de variadas “filiações”.

Assim como Lobato conclama os eventuais Walt Whitmans brasileiros, oferecendo-lhes motivos para seus “cantos”, dividindo o que poderia ser um fardo pesado para um só, o poeta americano também o fizera, no seu “Poets to Come!”, de que citamos o trecho final, em tradução de Ivo Barroso:

“Apenas escrevi uma ou duas palavras indicativas
[do futuro,
Apenas avancei por um momento ao leme e voltei
[correndo para a sombra.
Sou um homem que, perambulando por aí sem me
[deter, dirige
um olhar casual para vocês e vira o rosto,
Deixando para vocês a prova e a definição,
À espera dos grandes feitos de vocês”
(Whitman apud Barroso, 2016).

Whitman lançou um apelo, no que foi seguido por Lobato, que por sua vez lançou o seu apelo. Num livro da década seguinte, não por acaso intitulado *América*, Lobato apresenta uma concepção de livro e de leitura que referenda essa noção whitmaniana de continuidade, de legado: “Um livro é uma ponta de fio que diz: Aqui parei; toma a ponta e continua, leitor. Platão pensou até aqui: toma o fio do seu pensamento e continua, Spinoza” (Lobato, 1932, pp. 37-8).

3

Entre a referência ao poeta americano e a publicação de *América* (1932), importantes reviravoltas transplantaram o escritor-editor para um novo endereço e uma inesperada condição social.

Em 1927, Monteiro Lobato assumiu o posto de adido comercial do Consulado do Brasil em Nova York. Sua nomeação parece ter sido algo súbita e inesperada, inclusive para a Embaixada do Brasil, que, em maio de 1927, não tinha notícias da nomeação do interino, ocorrida no mês anterior (Lajolo, 2009). Pesquisas permitiram verificar que Lobato não foi a primeira escolha do presidente Washington Luís, e que sua situação

se manteve como provisória, pelo menos no papel, por bastante tempo: no “Quadro dos Adidos Comerciais”, até a data de 31/12/1929, o nome do funcionário efetivo continua sendo Arno Konder, enquanto Lobato aparece em nota de rodapé, como interino (Brasil, 1930, p. 19).

Na prática, em junho de 1927 a família Lobato estava instalada em Nova York, de onde enviaria, por carta, suas primeiras impressões:

“Já estamos americanizados, isto é, já temos automóvel e rádio. O rádio cá é um assombro, porque pode ser ouvido o dia e a noite inteira. O programa de hoje, p. ex., consta de mais de 400 números, entre os quais as melhores orquestras e virtuosos do mundo. Você aqui ficava saturado de música pelo resto da vida. [...]

Sente-se em tudo a riqueza espantosa do país. Não há pobres, o pobre daqui equivale ao remediado daí. Toda a gente possui auto. O porteiro cá da nossa casa possui um Cadillac.

A cidade é um oceano de automóveis. Para onde quer que você vá só se veem automóveis, de dia ou de noite porque a vida não para. Tudo é tão desconformemente grande, tudo é tão ou maior do mundo, que depois da 2ª-semana a gente resolve não admirar mais coisa alguma. Do contrário seria preciso andar de boca aberta o dia inteiro. A mim o que mais me assombrou foi a New York subterrânea, com as suas numerosas ilhas de *subway*, seus trens, suas estações imensas, restaurantes, lojas, cafés, livrarias, etc. etc. etc., tudo invisível para quem anda na New York da superfície. Uma pessoa pode passar a vida na cidade subterrânea sem necessidade de vir à superfície para coisa nenhuma. Lá comprará livros e roupas e, se for mulher, chapéus e vestidos da última moda” (Lobato, 1970, pp. 104-5).

As experiências e impressões de Lobato sobre os Estados Unidos aparecem numa variedade de textos relativos a esse período: são cartas pessoais e profissionais, enviadas a familiares e amigos; relatórios e documentos profissionais, produzidos no âmbito do serviço consular; e por fim o texto híbrido de *América*.

“As cartas americanas de Lobato”, sintetiza Emerson Tin (2007, p. 131), apresentam “esse deslumbramento com a terra nova, e são muito

semelhantes entre si na escolha dos fatos a serem narrados”. É recorrente o tom de deslumbramento com a tecnologia e a riqueza do país, com os espaços urbanos (os arranha-céus, por exemplo), com os costumes (a presença das mulheres na vida social) e com as diferenças entre os Estados Unidos e o Brasil. É bastante comum que, a uma observação extasiada sobre um aspecto da sociedade norte-americana, siga-se um lamento ou crítica a respeito do seu equivalente na sociedade brasileira. É o que se observa nestes dois parágrafos de uma carta a Lino Moreira, seu amigo desde os tempos de faculdade:

“A semana passada fui a Washington de auto. Que estradas! Que conforto, que maravilha... Vim besta pelo resto da minha vida e com tristeza imensa do Brasil não ser assim. Em 650 milhas de ida e volta, cortando inúmeras cidades do interior, lindas como sonhos, não vi um pobre, um esfarrapado, um mendigo... E o que mais me assombra aqui – a riqueza, o bem-estar do povo. [...]

E a lei? Sim, existe uma coisa muito séria chamada lei. E todos a respeitam porque a lei não distingue entre este ou aquele. Cada vez que compro jornais na esquina me assombro. Os jornais estão à vista do público com uma caixinha de dinheiro ao lado. O freguês tira o jornal que quer, faz o troco e pronto. Não há fiscal, não há ninguém espiando ali por perto. Como, então, ninguém furta, ninguém abusa? Numa cidade destas que tem mais italianos do que Roma, como nenhum italiano (tão rapaces em S. Paulo) se atreve a lesar a caixinha? É a lei, meu caro, essa coisa de cuja ausência o Brasil vem padecendo desde 1500” (Lobato, 1970, p. 107).

Lobato permaneceu nos Estados Unidos até o início de 1931. Seu retorno ao Brasil deve ter sido turbulento, pelo que sugere uma carta enviada a Cândido Fontoura: “Sigo a 19 [de março] pelo CUBANO, vapor da Kerr Line. A necessidade de fazer economia fez-me adotar esse navio, já que o governo até agora não me mandou recursos para a volta, como prometeu e tenho direito” (Lobato apud Tin, 2007, p. 347).

Imediatamente depois da sua chegada, Lobato dedica-se à escrita de *América*. O livro não é um relato de viagem *stricto sensu*; é uma narrativa ficcional de gênero híbrido, na qual se

mesclam elementos dos gêneros crônica, relato de viagem e romance de ideias. Lobato recupera uma dupla de personagens já usada num livro anterior: um narrador brasileiro, um tanto ingênuo, e Mr. Slang, seu amigo inglês. Os dois passeiam juntos pelo país estrangeiro, observando, lendo e conversando sobre os mais variados aspectos dessa sociedade. Em geral, suas conversas culminam com o estabelecimento de comparações entre o país visitado e a sociedade brasileira. Os amigos comparam o clima tropical e o temperado, extasiam-se diante do acervo da Biblioteca do Congresso e da riqueza das universidades americanas, comparam condições econômicas dos dois países, conversam sobre personalidades políticas americanas, sobre cinema, rádio, censura, puritanismo, sistemas eleitorais e mudanças linguísticas, dentre outros assuntos.

Assim como nas cartas, predomina o elogio à América. Mas o livro não é unívoco: ele se constrói por meio da incorporação e discussão de textos que circulavam em jornais e livros americanos; assim, uma variedade de vozes e pontos de vista é incorporada às falas dos dois personagens⁵. E é por meio desse recurso que algumas das complexidades e contradições da sociedade norte-americana *também* são representadas nesse livro.

Destaco uma situação em que a variedade de pontos de vista se mostra com alguma clareza. Trata-se de um momento em que os personagens propõem uma análise consideravelmente densa da produtividade em massa diagnosticada nas sociedades industriais (não exclusivamente na norte-americana). Antes de citar o texto, é importante lembrar que Mr. Slang defendia a necessidade de adaptação do indivíduo aos movimentos e processos sociais, a qualquer custo. Usando frases de efeito, ele mostra não haver alternativa à adaptação. Quando o narrador observa que a “rapidez da maquinização da América não dá tempo aos alijados de se adaptarem”, Mr. Slang rebate sem piedade, interessado apenas no movimento social:

“– Nesse caso o remédio único é precipitarem a marcha da adaptação. A América impõe rapidez de

juízo e trote largo. Quem for lerdo de ‘mind’, ou de movimentos, que emigre, para não ser esmagado” (Lobato, 1932, p. 64).

Frases de efeito semelhantes a essa ecoam no texto. Porém, inserindo uma nota dissonante no discurso progressista, de elogio à máquina e ao desenvolvimento norte-americano, Mr. Slang apresenta e discute as ideias de um certo Raymond Fosdick (1883-1972), a respeito dos excessos de produtividade numa sociedade industrial, e os efeitos desse excesso na vida individual. Comenta o narrador: “O que chamamos progresso não passa duma escravização cada vez mais apertada, que as massas consentem e aplaudem e, portanto, impõem à minoria individualista” (Lobato, 1932, p. 222). Concordando com o seu interlocutor, Mr. Slang avalia que o avanço da máquina (símbolo da sociedade moderna) priva o indivíduo da sua independência:

“Vai-nos ela transformando em abelhas. Presos na sua engrenagem, o espernear dos indivíduos se torna pueril. As novas adaptações econômicas – a produção em massa, a entrefusão das empresas (‘mergers’), os ‘chain stores’, os ‘chain’ teatros, os ‘chain’ jornais e todas as modalidades do emassamento, da coletivização, nesta guerra contra o indivíduo, tornam bem claras as tendências do amanhã: ‘corporatedness’ do mundo. Colmeização. Cada novo invento significa passo à frente para a vida agregada, para a uniformidade, para o ‘standard’. A tendência é fortificar os grupos, fundi-los em grupos sempre maiores, integrar o indivíduo na massa, fazer da média, não da exceção, o ideal. Criar, em suma, o homem abelha” (Lobato, 1932, p. 224).

A crítica ao modelo de desenvolvimento norte-americano destoa de elogios anteriores, sugerindo a relativização de algumas das certezas antes apresentadas. Nem tudo é louvável, nesse mundo de máquinas e progresso. Os argumentos de Mr. Slang parecem ganhar força pela citação da obra de Henry Thoreau e do discurso de Raymond Fosdick.

O nome do advogado norte-americano é introduzido no texto sem nenhuma explicação adicional, o que faz supor que ele falasse por si,

5 Esse aspecto intertextual de *América* foi documentado e analisado em textos anteriores (cf. Martins, 2014 e 2016).

que fosse reconhecido pelos potenciais leitores do livro. Fosdick foi membro do conselho da Fundação Rockefeller, de que se tornaria presidente nos anos 1930 (cf. The Rockefeller Archive Center, s/d). Embora a referência a ele seja discreta, uma pesquisa nos arquivos do *The New York Times* permitiu encontrar um discurso de formatura proferido por ele em 1930, no qual analisa e critica os rumos da sociedade norte-americana. Os personagens de Lobato não estão, portanto, discutindo quaisquer ideias sobre aquele país; estão apresentando e discutindo ideias que efetivamente circularam naquela sociedade.

Lendo o texto de Raymond Fosdick, publicado no jornal americano, observa-se que ele usa/menciona o texto clássico de Henry Thoreau – *Walden* (1854) – para fazer críticas ao consumo e à produção em massa. Lobato, por sua vez, traduz e incorpora ao seu texto o discurso de

Fosdick, parafraseando-o e citando-o, tomando suas ideias como parte das reflexões de seus personagens. A crítica feita por Fosdick tem, pois, seu público ampliado: o discurso de formatura ganha novos leitores e efeitos quando publicado em jornal; e ganha um público novo quando é traduzido e citado num livro brasileiro. Com a incorporação desse discurso, o livro de Lobato chega aos seus capítulos finais com um toque de melancolia – que, segundo nos parece, funciona como um convite à releitura e reavaliação dos argumentos mais incisivos que o povoam.

Mais do que um passeio pelos Estados Unidos, *América* funciona como um convite à leitura daquele país, por meio do contato com textos e ideias que lá circulavam. Não por acaso, seu autor era um editor e um tradutor: ele selecionou, traduziu e pôs em circulação, no seu país, textos e ideias do país visitado.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Alexandre. “Câmara Cascudo e Walt Whitman: Poesia Moderna em Diálogos Tradutórios”, in *Imburana*, Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses, n. 11, UFRN, jan./jun. 2015, pp. 38-57.
- BARROSO, Ivo. “Mais um Poema de Walt Whitman”, in *Gaveta do Ivo*, *Poesia & tradução* [website]. Disponível em: <https://gavetadoivo.wordpress.com/2016/09/26/mais-um-poema-de-walt-whitman>. Acesso em: 15/2/2017.
- BOTTMANN, Denise. “Traduções de Monteiro Lobato”, in *Não Gosto de Plágio* [website], 14/1/2011. Disponível em: <http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2011/01/traducoes-de-monteiro-lobato.html>. Acesso em: 14/2/2017.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado das Relações Exteriores*. Ano de 1929. 2 vols. 1ª parte. Anexos B e C. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1930.
- BROCA, Brito. “O Brasil e as Literaturas Latino-Americanas”, in *Americanos*. Coord. Alexandre Eulálio. Campinas, Editora da Unicamp, 1998, pp. 66-73.
- FOSDICK, Raymond. “The Individual’s Place in the Age of Machines”, in *The New York Times*, ProQuest Historical Newspapers New York Times, 22/6/1930, p. E4.
- LAJOLO, Marisa (org.). “Inventário do Fundo Monteiro Lobato”, in *Projeto Monteiro Lobato e Outros Modernismos Brasileiros* [website]. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, s/d. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/livros.htm>. Acesso em: 14/2/2017.

- LAJOLO, Marisa. "Monteiro Lobato: Um Brasileiro em Trânsito", in *Ilha do Desterro*, v. 57, UFSC, 2009, pp. 37-57.
- _____. "Monteiro Lobato & Isaac Goldberg: A América Latina na América do Norte", in *Remate de Males I*, v. 30. Campinas, 2010, pp. 293-310.
- LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 1ª ed. São Paulo, Edição da Revista do Brasil, 1918.
- _____. *América*. 1ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1932.
- _____. *Negrinha*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1948a.
- _____. "A Lua Córnea" in *A Onda Verde e O Presidente Negro*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1948b.
- _____. *Cartas Escolhidas*. 6ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1970.
- MARTINS, Milena Ribeiro. "América: Um País, Homens e Livros", in M. Lajolo (org.). *Monteiro Lobato, Livro a Livro. Obra Adulta*. São Paulo, Editora Unesp, 2014, pp. 249-62.
- _____. "América, Um Livro Essencialmente Intertextual", in N. Schapochnik; G. Venancio (orgs.). *Escrita, Edição e Leitura na América Latina*. Niterói, PPG História-UFF, 2016, pp. 676-93.
- MINCHILLO, Carlos. "Engenharia Reversa em *O Choque de Raças*", in M. Lajolo (org.). *Monteiro Lobato, Livro a Livro. Obra Adulta*. São Paulo, Editora Unesp, 2014, pp. 187-202.
- PARO, Maria Clara Bonetti. "Walt Whitman in Brazil", in *Walt Whitman Quarterly Review* 11 (Fall 1993), pp. 57-66. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.13008/2153-3695.1397>. Acesso em: 15/2/2017.
- THE ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER [website]. "Raymond B. Fosdick". Disponível em: <http://rockefeller100.org/biography/show/raymond-b--fosdick>. Acesso em: 15/2/2017.
- VERÍSSIMO, José. "Um Americano e a Literatura Americana", in *Homens e Cousas Estrangeiras*. Rio de Janeiro/Paris, H. Garnier, 1902, pp. 47-59.